

OBSERVATÓRIO POPULAR DE POLÍTICAS URBANAS DO MUNICÍPIO DE RIACHUELO – RN

Marcel Fantin ¹
Simone Helena Tanoue Vizioli ²

RESUMO

Este artigo apresenta uma experiência de diagnóstico urbano participativo realizado pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo (USP) no âmbito da Operação Forte dos Reis Magos (Projeto Rondon). O objetivo desta atividade foi construir um espaço de debate e politização de questões urbanas, que permitiu territorializar, documentar e dar visibilidade à problemática urbana do município de Riachuelo (RN), a partir do olhar da sociedade civil. O conteúdo do presente artigo enfatiza a metodologia de pesquisa-ação utilizada para a construção desse ambiente de autorreflexão coletiva que resultou em uma agenda com diretrizes e ações.

Palavras-chave: Projeto Rondon. Pesquisa-ação. Cartografia social. Agenda participativa.

ABSTRACT

This paper presents a participatory urban diagnosis experience conducted by Institute of Architecture and Urbanism (USP) as part of Forte dos Reis Magos Operation (Rondon Project). The purpose of this activity was to build a forum for debate and politicization on urban issues that allowed territorialize, document and give visibility to urban problems of Riachuelo City (RN) from the civil society point of view. The content of this article emphasizes the methodology of action research used to build this collective self-reflection environment that resulted in an agenda with guidelines and actions.

Keywords: Rondon Project. Action research. Social cartography. Participatory agenda.

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária passou por expressivas transformações em sua conceituação e em suas práticas. Em um primeiro momento ela era entendida como um modelo autoritário de transmissão vertical do conhecimento, no qual a universidade se apresentava como detentora de um saber superior. *Influenciada pelas ideias e práticas de Paulo Freire, hoje a extensão universitária é compreendida como a indissociabilidade entre os saberes acadêmico e popular, abrangendo uma via de mão dupla para a produção do conhecimento.* (SERRANO, 2016)

Sob a coordenação do Ministério da Defesa e desenvolvido em parceria com governos estaduais e municipais, assim como com Instituições de Ensino Superior (IES), o Projeto Rondon procura contribuir com o desenvolvimento local sustentável e a promoção da cidadania, focalizando essa via de mão dupla na produção do conhecimento. Além disso, no caso dos docentes e discentes, as atividades visam proporcionar o contato com uma realidade distinta da existente nos municípios de origem, bem como crescimento pessoal e o incremento da consciência sobre a realidade brasileira. Já, para as comunidades participantes, o projeto procura contribuir para a solução de problemas sociais por meio de ações multiplicadoras, participativas e emancipadoras.

É nesse contexto que este artigo apresenta o projeto de pesquisa-ação participativa intitulado Observatório Popular de Políticas Urbanas para o Município de

¹ Brasileiro, natural de Jaú (SP). Possui graduação em Direito pela Univap (2002), especialização em Direito Ambiental pela USP (2003), mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Univap (2005) e doutorado em Geociências pela UNICAMP (2011) com PhD sanduíche pela Université Laval (2010). Atualmente é Professor Doutor (RDIDP) do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP de São Carlos (SP). E-mail: mfantin@sc.usp.br.

² Brasileira, natural de São Paulo (SP). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (FAU.USP 1991), mestrado (1998) e doutorado (2006) pela FAU.USP. Atualmente é Professora Doutora (RDIDP) do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP de São Carlos (SP) (IAU.USP). E-mail: simonehtv@usp.br.

Riachuelo (OPPURB-RIACHUELO). Coordenado pela equipe do Instituto de Arquitetura e Urbanismo na Operação Forte dos Reis Magos do Projeto Rondon e desenvolvido com o protagonismo da sociedade civil, este observatório abordou aspectos socioculturais e ambientais, de forma a reconhecer, diagnosticar e propor diretrizes e ações a partir da vivência e do olhar da população.¹

Com essa iniciativa, procurou-se dar ênfase à observação coletiva de informações territorializadas, mediante uma ação focada na valorização de elementos da vida urbana cotidiana, que constituem linhas de força para a comunidade riachuelense e que, portanto, podem se transformar em fios condutores da conscientização individual e da ação social coletiva que são necessárias ao processo de emancipação social e política. Fantin (2011) pondera que os processos político-pedagógicos que priorizam o protagonismo da sociedade civil permitem desenvolver comunidades mais coesas, solidárias e politicamente ativas.

As duas oficinas desenvolvidas resultaram em uma agenda de compromisso entendida como um instrumento de luta social e como ferramenta política para a busca da efetivação das diretrizes e ações ali elencados pelos participantes. Além disso, foi proporcionado aos rondonistas um momento rico de prática dialógica e de compreensão da realidade cultural e socioeconômica associada à região do Agreste Potiguar.

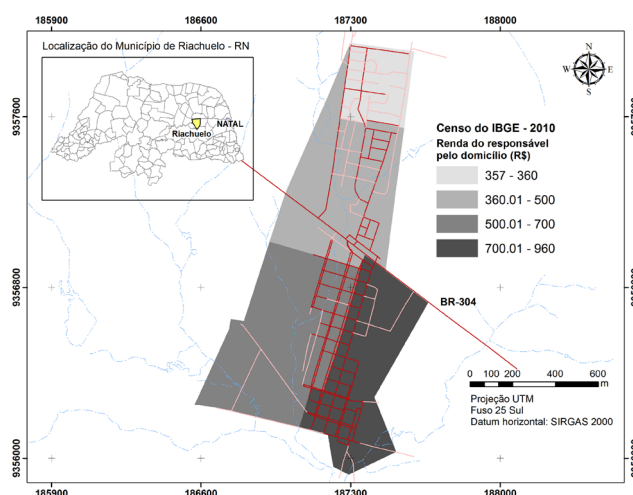
2. MUNICÍPIO DE RIACHUELO (RN)

O município de Riachuelo possui 7.970 habitantes e está localizado no Agreste Potiguar, distando cerca de 60 km de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte (IBGE, 2016). Situado na depressão sertaneja e inserido no Bioma Caatinga, Riachuelo apresenta clima semiárido muito quente, com temperatura média de 25,2 °C e baixa pluviosidade. (CLIMATE-DATA, 2016)

Com relação aos aspectos socioeconômicos, o PIB

per capita de Riachuelo é de 5.793,89 reais e a sua economia está pautada no setor terciário, com participação no PIB de até 84% (IBGE, 2016). Cumpre frisar o baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) deste município, que é de 0,592. A população alfabetizada compõe 71,70% do contingente populacional, sendo que 56,01% são consideradas pobres. (IBGE, 2016)

Essa desigualdade, que divide a população local em pessoas na linha da pobreza e fora da linha da pobreza, apresenta um padrão de segregação socioespacial que marca o território municipal e é delimitado pela Rodovia BR-304. No lado esquerdo da rodovia, no setor conhecido popularmente como “cidade”, vivem os responsáveis por domicílios com renda mensal média entre 500 e 960 reais. Já, no lado direito da rodovia, no setor popularmente conhecido como “bairro”, vivem os responsáveis por domicílios com renda média entre 357 e 500 reais (Figura 1). (IBGE, 2010)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo Demográfico, 2010.

3. METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

A proposta do OPPURB foi inspirada no conceito de pesquisa-ação participativa. No campo operacional, foram adotadas estratégias de organização para atingir

os objetivos, incluindo a preparação de conteúdos, fichas e equipamentos, assim como a divisão de tarefas que são descritas a seguir.

3.1 Pesquisa-ação participativa

Thiollent (1985) pondera que a pesquisa-ação, embora não seja considerada como metodologia, trata-se de um método, uma estratégia de pesquisa que agrega métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação de informação.

Nos processos participativos, a sinergia entre comunidade e demais atores envolvidos (no caso, estudantes e professores) são elementos-chave na construção do processo decisório que envolve a discussão da situação social, o levantamento dos problemas existentes e as propostas elaboradas. **É a partir das trocas entre conhecimento acadêmico e saber popular que os participantes constroem, com maior eficiência, as respostas, as diretrizes de ação transformadora, aos problemas da situação em que vivem. É essa troca que permite aumentar o conhecimento e o nível de consciência dos participantes. (THIOLLENT, 1985)**

Assim, esta é uma prática pedagógica que, a partir das trocas dialógicas entre os participantes, permite produzir um conhecimento novo e transformador que objetiva o empoderamento comunitário na busca de soluções para problemas reais.

[...] Entre as diversas definições possíveis, daremos a seguinte: a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1985, p.14).

Já Barbier (2007) conceitua a pesquisa-ação como uma pesquisa que parte de uma ação deliberada com foco na transformação da realidade e na produção

de conhecimentos relativos a essas transformações. Assim, a pesquisa-ação é uma metodologia que não foca o trabalho sobre os outros e sim o trabalho com os outros, levando o pesquisador a se envolver com a estrutura social na qual está inserido.

3.2 Estratégia de capacitação da equipe e de organização das oficinas

A estratégia de capacitação da equipe e de organização das oficinas envolveu a organização da informação e de pessoal, assim como a produção do material de apoio. Primeiramente, foram discutidas quais técnicas seriam abordadas nas oficinas e como elas seriam apresentadas no dia, quem seriam os facilitadores e como seria a logística de organização do material a ser produzido.

Optou-se por denominar a atividade de Observatório Popular de Política Urbana por serem os observatórios espaços democráticos de exercício da cidadania e de acompanhamento, avaliação e contribuição para a melhoria de políticas públicas.

Como orientação aos professores e alunos, foi realizada uma breve explanação sobre o conceito e as etapas de construção de uma atividade de pesquisa-ação participativa, direcionando-os a terem uma atitude de escuta e de elucidação dos vários aspectos inerentes à temática urbana, de forma a evitar a imposição unilateral de suas concepções próprias e dogmas formados no ambiente acadêmico aos demais participantes.²

No campo da organização da equipe, foram atribuídas aos professores (coordenador e coordenador adjunto) as funções de comunicação e moderação, incluindo a apresentação do formato e da estrutura das oficinas aos presentes, assim como a atuação como facilitadores do processo de diagnóstico e definição de diretrizes e ações.

No que tange às atribuições dos oito alunos participantes, estas foram divididas em dois

2 Thiollent (1985, p.17) afirma que “seja como for, a atitude dos pesquisadores é sempre uma atitude

momentos. Na primeira oficina, a de diagnóstico, eles ficaram responsáveis por organizar a sala, anotar o nome e a profissão dos presentes, fazer os crachás e distribuir o material de trabalho. Na segunda oficina, focada na definição de princípios, diretrizes e ações, definiu-se que eles teriam maior interação com a comunidade, participando das mesas temáticas como mediadores e facilitadores.

3.3 Estrutura básica das oficinas e caracterização dos participantes

A estrutura das oficinas procurou responder a dois objetivos de pesquisa-ação: um prático e outro de conhecimento. (THIOLLENT, 1985)

O objetivo de conhecimento é referente ao levantamento de informações sobre o contexto urbano de Riachuelo (RN), que seriam de difícil acesso por outros procedimentos e que permitem ampliar o conhecimento, incluindo os problemas/desafios e as potencialidades levantados pelos participantes. O objetivo prático refere-se à definição de diretrizes e ações que visam contribuir para o melhor equacionamento possível das questões levantadas.

Thiolle (1985) pondera que o desenvolvimento da pesquisa-ação exige dos pesquisadores a utilização de métodos e técnicas para lidar com o grupo de trabalho, com a sua dimensão coletiva e interativa, assim como a adoção de técnicas de registro, sistematização e exposição dos resultados obtidos.

Existem muitas formas de estruturação de oficinas em pesquisa-ação participativas já consolidadas para atividades de extensão e que permitem atingir os objetivos anteriormente citados. **Para alcançar um bom relacionamento entre os objetivos prático e de conhecimento, optou-se por uma estratégia mista, dividindo o observatório em duas oficinas, uma de cartografia social e outra de eleição de prioridades e de definição de diretrizes e ações.** As atividades tiveram início com a apresentação dos moderadores e dos participantes. Na sequência, foi exibido o cronograma de trabalho.

As oficinas aconteceram nos dias 18 e 20 de julho de 2016, na Escola Municipal Manoel Gurgel do Amaral

de “escuta” e de elucidação dos vários aspectos da situação, sem imposição unilateral de suas concepções próprias”.

Valente. A oficina de diagnóstico participativo contou com a presença de 24 moradores de Riachuelo, enquanto que a oficina de eleição de prioridades contou com a presença de 26 pessoas. O levantamento do ramo de atuação laboral dos participantes, realizado no dia 18 julho, indicou um quadro diversificado, incluindo professores do ensino fundamental (9), estudante de pedagogia (2), funcionário da secretaria de educação (2), pedagogo (2), técnico de enfermagem (1), professor de francês (1), professor de informática (1), policial militar (1), agente de saúde (1), estudante de psicologia (1), artista (1), geógrafo (1) e dona de casa (1). No que tange à renda média mensal, de um total de 16 pessoas entrevistadas, 4 recebiam entre 0 e 360 reais, 2 entre 361 e 500, 9 entre 501 e 700 e 1 entre 701 e 900.

3.4 Oficina 1 – Diagnóstico participativo

Esta oficina teve como objetivo instigar a população a pensar sobre a sua cidade e, nesta primeira etapa, a população apontou problemas/desafios e potencialidades de Riachuelo, uma vez que o observatório tem como premissa auxiliar a comunidade a se organizar para que seus integrantes ajam como “observadores” da cidade e participem ativamente do seu desenvolvimento, por meio de discussões permanentes.

Para tanto, foram fornecidos aos participantes uma caracterização do município de Riachuelo a partir de informações provenientes do Censo Demográfico de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Na sequência, considerando que temáticas urbanas apresentam muitas questões com atributo espacial e que, portanto, exigem o reconhecimento do espaço geográfico, optou-se pela cartografia social como forma de fornecer concretude à informação produzida em função do diagnóstico (localização e delimitação do problema/desafio ou potencialidade) e da necessária documentação.

No contexto da pesquisa-ação participativa, a cartografia social é uma ferramenta que permite às comunidades produzir conhecimento espacial

coletivo sobre a sua realidade, sobre o seu entorno. Essa ferramenta propõe incluir o ponto de vista das populações locais sobre o processo de produção cartográfica. Essas iniciativas valorizam as práticas, valores e saberes comunitários, bem como evidenciam os conflitos e dificuldades que as ameaçam. (LIMA et al., 2012)

Santos (2011) pondera que o uso da cartografia social pelos movimentos sociais tem se firmado na capacidade de instrumentalizar a contra-argumentação política, além de ser um documento de reivindicação de políticas públicas, de planejamento e de base para a autogestão do território.

Para tanto, optou-se por construir uma maquete do município na escala 1:1000, além de uma carta imagem em formato A0 com imagens do satélite *Quickbird* para o ano de 2011 (escala 1:2000). A atividade desta primeira parte consistiu em um mapeamento dos problemas/desafios e potencialidades da cidade. A maquete foi colocada no centro da sala e os participantes receberam duas cores de *post-it*, um vermelho e um verde, nos quais deveriam escrever e territorializar os principais problemas e potencialidades do município sobre a maquete. Como resultado, construiu-se um mapeamento da realidade urbana de Riachuelo por meio do olhar dos participantes (Figura 2).



Fonte: Dos autores, 2016. a & c – localização dos problemas/desafios e das potencialidades pelos participantes; b – maquete com os *post-it* ao final do trabalho; d – a cidade de Riachuelo no centro da

discussão.

3.5 Oficina 2 – Definição de prioridades e eleição de diretrizes e ações

Para a segunda oficina, as informações com atributo geográfico que foram obtidas na primeira etapa do observatório passaram por um processo de sistematização em direção ao segundo passo, que foi a construção de diretrizes e ações para os problemas/desafios e para as potencialidades.

Na segunda oficina, a partir de um debate coletivo, foram propostas diretrizes e ações que contribuam para minimizar/sanar problemas evidenciados e/ou incentivar potencialidades. Para tanto, ocorreu à eleição de prioridades dentro de um processo decisório democrático realizado com os participantes envolvidos no observatório.

Para auxiliar nessa tarefa, a maquete foi novamente colocada no centro da sala para consulta e foram apresentadas duas nuvens de palavras com a sistematização dos temas mais citados na primeira oficina. As nuvens de palavras permitiram estabelecer os pesos diferenciados dados pelos participantes aos temas debatidos anteriormente, com o objetivo de facilitar a eleição de quais demandas deveriam ser priorizadas (Figura 3). **Figura 3 – Nuvem de palavras: principais potencialidades e problemas/desafios.**

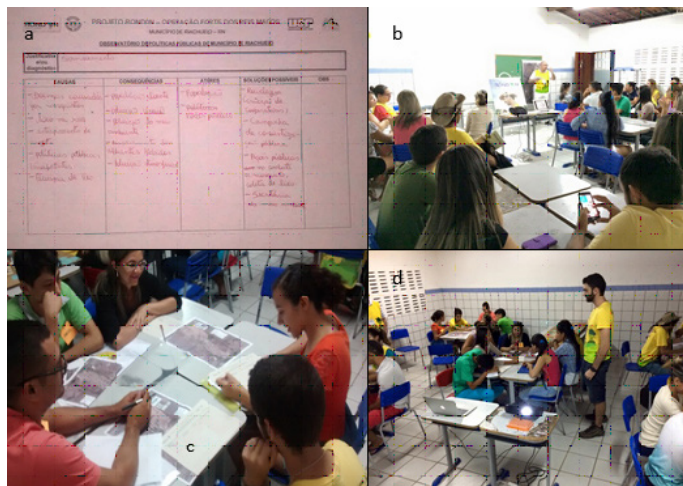


Fonte: Resultado colaborativo, participantes do observatório.

Um aspecto importante no processo das oficinas foi a interação entre a comunidade e os rondonistas, uma vez que cada grupo de trabalho contou com a participação de um rondonista como mediador

e facilitador. Nesta etapa, cada grupo selecionou alguns aspectos da nuvem de palavras, discutiu e preencheu as tabelas contendo: problemas/desafios e potencialidades, causas, consequências, atores, soluções possíveis e observações (Figura 4).

Figura 4 – Tabela e dinâmicas da 2ª oficina



Fonte: Dos autores. a – tabela com a síntese das discussões do grupo; b, c & d – dinâmica de trabalho em grupo e interação entre a população e os rondonistas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Problemas/ desafios e soluções possíveis

Dos sete grupos de participantes, dois destacaram como problemas o desemprego e a falta de segurança, principalmente nos setores comerciais territorializados na maquete. Como causas deste cenário, apontaram a falta de um plano de segurança pública e de oportunidades de trabalho em todos os setores da economia, tendo os longos períodos de seca como agravante deste processo. Para a valorização da economia local, destacaram a necessidade de se incentivar as compras locais, uma vez que a população adquire muito de seus produtos na cidade vizinha.

Como soluções possíveis, elencaram a capacitação profissional, o incentivo a projetos focados em ações sociais e culturais e a instalação de empreendimentos que aproveitem a vantagem logística de proximidade

da cidade de Riachuelo com a capital, Natal.

Outros três grupos elegeram para discussão a questão da segregação socioespacial. Apontaram como problemas o preconceito resultante da divisão existente entre a área nobre e a área “pobre” da cidade delimitada pela rodovia. O nível de escolaridade também foi apontado como fatores de consolidação desta segregação. Como soluções possíveis destacaram o investimento em educação, o aumento de áreas públicas de convivência e investimentos em infraestrutura e serviços que valorizem o setor menos favorecido da cidade.

Em relação ao tema acima, mesmo para um “estrangeiro”, é facilmente percebida a segregação socioespacial que existe em Riachuelo e que é delimitada pela Rodovia BR 304. Essa rodovia, que corta a cidade transversalmente, divide Riachuelo em dois setores. O setor norte apresenta características de uma ocupação mais recente, menos estruturada, com menor renda e baixa disponibilidade de serviços públicos. Já o setor sul, origem da cidade, é a região mais consolidada, com melhores serviços, comércio e área de lazer. Esta questão vem sendo mitigada por incentivo do governo municipal, incluindo a instalação de escolas e de um posto de saúde na região norte. Afora a questão da divisão territorial, a rodovia, aos olhos externos, representa um grande risco de travessia, pois não há passarela e muitos adultos e crianças cruzam a rodovia cotidianamente; porém, a rodovia está de tal forma incorporada ao dia a dia, que a população não aponta esse fato como um problema.

Durante a oficina, quando se discutia coletivamente a questão da segregação e da violência, foi possível presenciar uma situação que, por si só, refletia a divisão da cidade: houve uma certa polarização entre moradores da parte norte e da parte sul. Sem gerar maiores problemas, o fato apenas atestou a condição existente.

Um sexto grupo apontou a crise hídrica como aspecto importante de discussão. As causas, embora naturais (estiagem), têm na falta de armazenamento

um dos fatores agravantes. Além disso, relataram a má qualidade da água. Este problema tem como consequências a falta de água tanto para consumo humano como para a dessedentação dos animais; reflete na irrigação, na economia e tem impactos nas atividades das escolas e UBS, além de causar problemas de saúde. Entre as soluções possíveis, elencaram a responsabilidade com o tratamento adequado da água pela CAERN (Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte) e o incentivo ao armazenamento de água mediante cisternas nos domicílios.

Para tanto, programas governamentais de doação de cisternas para pessoas de baixa renda e o mapeamento e dimensionamento desta demanda por domicílio precisam ser realizadas.

Embora a crise hídrica tenha sido apontada durante a oficina, a própria escola onde se realizaram as oficinas é testemunha do problema: no centro do pátio há uma cisterna que coleta a água de todos os telhados dos prédios da escola. Este mesmo cenário pode ser visto quando se anda pelos arredores da zona central da cidade: é possível notar a presença de cisternas na maioria das casas, com coleta de água da chuva diretamente por meio de calhas. Embora a maioria dos participantes da oficina habite na zona urbana, em residências com água encanada (cujo abastecimento é feito pela adutora Sertão Central Cabugi, provinda do açude Itans, próximo da cidade de Caicó), esse é um problema que atinge toda a população, uma vez que são frequentes os longos períodos sem abastecimento.

O sétimo grupo elegeu para discussão o problema do saneamento. Entre as causas, além da falta de políticas públicas, relataram a participação da própria população no agravamento dessa condição ao descartar lixo na rua e nos fundos de vale, entupindo o esgoto e contaminando a pouca água do riacho que corta o município. Nesse sentido, eles propõem a criação de uma secretaria municipal do meio ambiente para organizar e implementar uma política ambiental para o município e uma campanha de conscientização e de proteção ao meio ambiente.

4.2 Potencialidades

Quase unanimidade entre os participantes da oficina, o turismo (o seu incremento) é apontado como uma potencialidade do município. Durante as discussões,

o turismo é visto como um fator de geração de emprego e renda, de desenvolvimento e valorização do município. Entre as soluções possíveis, os participantes propuseram convênios com os governos federal, estadual, municipal e empresários, além de divulgação e exploração das belas paisagens.

Atualmente, Riachuelo possui um caminho em direção à Serra da Formiga, onde localiza-se um mirante junto a uma pequena capela de São Francisco. Do alto desse mirante é possível avistar toda a cidade, os morros e os fundos de vale. A população riachuelense tem muito orgulho deste ponto e das paisagens ao redor.

Entre as potencialidades, foi também destacada a questão da cultura local como outro elemento que favorece o turismo, incluindo a música, a literatura, a dança e o artesanato.

A proximidade da capital Natal é uma das razões pela qual acreditam no potencial da cidade. Para tanto, solicitam mais investimentos, valorização dos artistas e espaços públicos locais e mais divulgação dos eventos culturais.

Outra potencialidade, ou melhor, característica da cidade, é o convívio social e a cultura local. **Os participantes da oficina expressaram o seu orgulho em morar em uma cidade pequena, que propicia uma proximidade entre vizinhos, com atividades culturais locais, como as famosas quadrilhas, que além de música e dança, reforçam os laços afetivos da comunidade. As festas religiosas e culturais que ocorrem nos espaços públicos da cidade atraem o público de cidades vizinhas.** Assim como nas demais atividades, ressaltam que é preciso mais investimentos neste setor.

5. CONCLUSÕES

Para Vieira et al (2008), quando a extensão conecta os sujeitos do conhecimento, coadunando os saberes acadêmico e popular, isso permite que sujeitos e mundo se reconheçam e se refaçam, sendo que tal experiência constitui-se em uma prática pedagógica

quando faz sentido para a melhoria da qualidade de vida, para a humanização e para a valorização dos sujeitos envolvidos.

A pesquisa-ação participativa desenvolvida sob o marco do OPPURB-RIACHUELO permitiu conectar os discentes e docentes do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com a complexidade dos problemas e dos anseios da população riachuelense, a partir da construção e do relacionamento de informações entre os diferentes sujeitos envolvidos nesse processo.

Já os problemas e potencialidades identificados pela própria comunidade permitiram trazer informações que muitas vezes não são reconhecidas por meio da análise acadêmica de dados censitários e socioeconômicos produzidos por órgãos governamentais.

Constatou-se também que dialogar sobre questões urbanas com a sociedade civil é uma importante ferramenta para o desenvolvimento comunitário e, portanto, apontar caminhos de organização de observatórios no âmbito de programas de extensão é oportuno para o empoderamento de comunidades.

Além disso, cabe ressaltar o reconhecimento de que as atividades de extensão universitária de um curso de arquitetura e urbanismo devem-se colocar dentro de um contexto de universidade cidadã e de compromisso com a necessidade de se interferir em problemas políticos e sociais, com foco na democratização do debate sobre a questão urbana e na construção coletiva de lutas sociais pela efetivação de direitos e melhoria da qualidade de vida urbana.

É importante observar que a maquete da cidade foi um elemento estruturador para as discussões participativas porque permitiu territorializar as informações, tornando as discussões mais palpáveis e menos abstratas, o que favoreceu o processo de planejamento das diretrizes e ações pela população. Ao final dos trabalhos, a maquete foi doada para a Escola Municipal Manoel Gurgel do Amaral Valente para que continue servindo como base para debates de questões urbanas entre os alunos e professores.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

CLIMATE-DATA. **Clima:** Riachuelo (RN). Disponível em: <<http://pt.climate-data.org/location/880407/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

FANTIN, J. T. **Projeto Rondon:** extensão universitária e Agenda 21 na Amazônia. Interações (Campo Grande), Campo Grande, v. 12, n. 1, p. 115-124, jun. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151870122011000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 3 ago. 2017.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Ibge cidades: Riachuelo – RN, 2016**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=241090&search=rio-grande-do-norte|riachuelo|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

LIMA, M.V.C.; COSTA, S.M.G. Cartografia social das crianças e adolescentes ribeirinhas/quilombolas da Amazônia. **Revista Geografares**, n.12, p.76-113, julho. 2012.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Projeto Rondon:** Operação Forte dos Reis Magos, 2016. Disponível em: <<http://www.projettorondon.defesa.gov.br/portal/operacao/realizadas/module/default?id=126968>>. Acesso em: 8 set. 2016.

PNUD (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO). **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2010**. Disponível em: < http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/o_atlas_/>. Acesso em: 8 set. 2016.

SANTOS, R.E. Ativismos cartográficos: notas sobre formas e usos da representação espacial e jogos de poder. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-17, 2011.

SERRANO, R.M.S.M. **Conceitos de extensão universitária**: um diálogo com Paulo Freire, 2016. Disponível em: < http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf >. Acesso em: 22 ago. 2016.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

VIEIRA, A; GONTIJO, P. A pedagogia da extensão e a extensão da pedagogia. In: **Revista Diálogos**, Universidade Católica de Brasília, Brasília, v.9. Universa. jun. 2008. Disponível em <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/1932/1253>>. Acesso em: 3 ago. 2017.